

EXPERIMENTO PILOTO

DE

MOBILIZAÇÃO JUVENIL

PRODUTO 5

“CASE” DO EXPERIMENTO PILOTO DE MOBILIZAÇÃO JUVENIL

Setembro / 2000

SUBSÍDIOS À REFORMA DO ENSINO MÉDIO

**PRODUTOS DECORRENTES DO PROJETO DE MOBILIZAÇÃO JUVENIL
NA IMPLEMENTAÇÃO DA REFORMA**

PRODUTO 5

SISTEMATIZAÇÃO DAS AÇÕES ATÉ ENTÃO DESENVOLVIDA

Apresentação:

Este produto tem por finalidade sistematizar as ações de mobilização juvenil desenvolvidas no Colégio Estadual Central do Brasil, procurando apontar alguns indicativos para o estabelecimento de uma política de mobilização de alunos do Ensino Médio.

O experimento relatado é fruto de observação, debate, aplicação de instrumentos de pesquisa, análise e avaliação permanente de resultados junto aos alunos, diretores e professores participantes. A meta é que os alunos possam participar da construção do seu conhecimento, através da concepção e execução de projetos curriculares.

O experimento será analisado através de reflexões sobre todo o processo, recuperando-se seus momentos mais significativos.

1º passo: Buscando “parceria”.

O que se pode analisar do primeiro momento de realização do experimento - que foi o de conversar com a direção da escola escolhida sobre os objetivos e a meta que queríamos alcançar - é que faltava clareza quanto aos princípios da Reforma do Ensino Médio. A falta de compreensão dos mesmos gerou a demanda de mais tempo para que o corpo diretivo, em sua quase totalidade, e alguns professores se tornassem “parceiros” na mobilização dos alunos.

Apesar de as diretoras e supervisoras conhecerem a legislação referente à Reforma, ainda não tinham realizado reuniões para estudo e debate. Logo, nenhuma reflexão e planejamento voltados para a sua implementação haviam se concretizado.

A ação inicial girou em torno da divulgação das Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio, com sugestão de encontros para o seu conhecimento e discussão.

Ao perceberem que o experimento que estava sendo proposto seria de fundamental importância para que os alunos se tornassem sujeitos

autônomos (além de aliar estudo ao prazer de estar na escola produzindo coletivamente), o compromisso da direção da escola se efetivou.

Encontrando os alunos: curiosidade e sedução.

O primeiro contato com os alunos foi extremamente interessante. Convidados a participar de um encontro com representantes do MEC e da Secretaria de Educação do Estado, cerca de quinze jovens de 15 a 21 anos, das três séries e dos três turnos, compareceram à reunião.

Além deles, as diretoras, supervisoras e alguns professores estiveram presentes, em sua maioria com a mesma curiosidade dos alunos.

A atividade foi riquíssima, pois após a apresentação e os esclarecimentos iniciais sobre o projeto que iríamos desenvolver na escola, passamos a debater sobre o significado e o sentido de “participação” no espaço escolar.

Percebeu-se que a instituição não possuía o hábito de reunir os sujeitos coletivos que alimentam a sua existência. É claro que existem Conselhos de Classe, “reuniões de professores”, mas espaço para reflexão conjunta sobre os papéis de cada coletivo e as possibilidades de mudança que poderiam ser concretizadas, não. Esta afirmação deriva do fato de o debate ter despertado profundo interesse por parte dos alunos e, muito especialmente, por parte dos professores presentes.

Críticas e elogios sobre a gestão em exercício foram respeitosamente enunciados, incidindo a discussão sobre aspectos cotidianos e possibilidades de atuação dos alunos na vida da escola.

Percebeu-se também que algumas supervisoras ficaram um tanto quanto “assustadas” quanto à possibilidade de mudanças no ritmo e rotina escolares, fato que não ocorreu entre os alunos, imediatamente seduzidos pela idéia de participar e construir.

Sobre a sistemática utilizada: pesquisa, encontros e debates.

Após a tabulação e análise do questionário, aplicado em 100% do alunado, já se possuía o perfil sócio-econômico e cultural dos alunos. Seus interesses estavam claros.

Passou-se à promoção de encontros semanais. Textos sobre a Reforma para análise, debate e reflexão foram realizados com intensidade, sempre contando com a presença de professores e de alunos dos três turnos (muitos “flutuantes”, que por curiosidade participaram de uma das reuniões). Até que um grupo de quinze a vinte jovens se tornou “efetivo” no projeto, além de cinco professores, várias supervisoras e a diretora adjunta.

Os temas a serem debatidos pelo grupo eram escolhidos em conjunto a cada encontro, no momento da elaboração da pauta da reunião seguinte. Questões referentes à cultura juvenil, como música e baile *funk* e suas implicações com a violência, mídia e imagem do jovem, respeito e solidariedade, o que fazer para recriar uma escola onde o jovem tivesse voz, foram algumas das proposições discutidas.

E o grupo foi amadurecendo quanto ao que seria mais significativo implementar na escola, como primeiro projeto “dos alunos”. O que a maioria pedia, verificado através do questionário aplicado e das conversas entabuladas no dia-a-dia, era um laboratório de Informática para a aquisição de conhecimentos básicos sobre determinados programas, além de sua utilização como ferramenta de aprendizagem.

Surge a grande dificuldade: precariedade orçamentária.

Após a elaboração formal do projeto (o que levou os alunos a realizarem levantamento de preços do material de informática que seria necessário), teve início a peregrinação em busca de parceiros que fornecessem os computadores e o material necessário, já que os recursos orçamentários disponíveis nas Secretarias não eram suficientes. A escola se comprometeu a disponibilizar uma sala com proteção segura, ar

condicionado, mesas e cadeiras. Porém, o espaço disponível continua vazio.

A frustração não imobilizou a vontade de produzir.

Apesar de frustrados pela não concretização do projeto elaborado, os alunos mantiveram firme o propósito de participarem do seu processo educativo. Com pauta de reunião elaborada coletivamente, aspectos da cultura juvenil foram discutidos semanalmente, além do significado e importância do protagonismo do jovem na escola e na comunidade, como sujeito em ação na vida cidadã.

Enquanto tentativas para obtenção dos computadores eram feitas - como a participação em concursos promovidos pelo Instituto Ayrton Senna e cartas com cópias do Projeto eram enviadas para diversas instituições - outros projetos foram criados, como o da Festa Junina, de caráter interdisciplinar, o do “RPG” e o do Fórum de Pais, Mestres e Alunos.

O Fórum tem por finalidade “trazer os pais para a escola” e discutir, em local específico, questões pertinentes à juventude. A necessidade de dividirem o espaço escolar com os pais e professores em momento definido, para discussão de temáticas escolhidas por eles, alunos, sugere alguns indicativos:

- i) Respeito ao coletivo na definição dos temas a serem discutidos: utilizou-se uma metodologia de pesquisa já conhecida, o questionário, que foi aplicado para os colegas dos três turnos, tendo sido o resultado da tabulação apresentado à comunidade;
- ii) Preocupação em compartilhar anseios dos jovens com os seus responsáveis, tendo um palestrante e especialista como mediador dos debates.

Foi a necessidade de estreitamento com a família, por dificuldade de relacionamento e/ou de compreensão dos pais, que gerou a necessidade do diálogo mediado por alguém que possuísse

conhecimentos específicos. Porém, a idéia de se implementar este fórum na escola demonstra uma nova relação dos alunos com este espaço e, principalmente, a conquista de autonomia.

Reflexões sobre o protagonismo dos alunos.

Algumas reflexões relativas ao protagonismo dos alunos na concretização de suas idéias merecem destaque.

Em princípio timidamente, os jovens alunos do Central do Brasil tomaram consciência da importância da *participação coletiva* para o desenvolvimento pessoal e cidadão e para o crescimento da escola enquanto instituição. Promovendo reuniões em horários possíveis (inclusive aos sábados, garantidos pela direção), os alunos foram fortalecendo a prática participativa e a coesão do grupo.

Os projetos eram construídos após reflexões e trocas, embasados em opiniões distintas, o que indica o respeito às diferenças e o saber ouvir.

O processo de participação foi conquistado, então, de forma amadurecida e responsável, culminando com a criação do fórum de pais e professores. Esta ação tornou evidente o fato de os alunos já dimensionarem a importância do seu envolvimento nas decisões que tenham impacto sobre suas vidas, além de apontar para o fato de a escola não ser apenas um local onde se dá a aprendizagem de saberes específicos, disciplinares; é também espaço de significação e de prazer.

Buscando aproximar os pais da escola, fazendo-os ouvir os especialistas e os próprios filhos, os jovens indicaram que possuem clareza quanto aos valores que pretendem cultivar.

E sabemos que a aliança valor-atitude é de importância fundamental para o equilíbrio emocional dos jovens, para a sua auto-estima e para o fortalecimento das relações interpessoais. Ao vivenciar esse tipo de experiência, estarão construindo valores como a solidariedade e o fortalecimento dos laços familiares, através da

oportunidade de reflexão conjunta. Ainda, estarão contribuindo para a mudança e a superação dos limites que a cultura impõe.

Há que se considerar também a riqueza do participar e agir coletivamente em busca de uma meta comum, através da qual estarão descobrindo e fortalecendo a coesão social e “ensaiando” práticas futuras de convivência numa sociedade democrática.

Aspectos negativos do experimento.

Um dos aspectos negativos diz respeito à resistência dos educadores. E aí esbarramos nas relações de poder existentes na escola, na mentalidade e na formação da maioria dos docentes.

Há um controle interno subjacente em cada instituição, que é desenvolvido através de uma rede de mecanismos que atinge cada membro, como gestos, atitudes, hábitos e discursos.

No colégio Central do Brasil, a compreensão do significado do experimento – com toda a dimensão sócio-política que ele abarca – foi lenta, em virtude da formação de muitos docentes, pautada ainda na “educação bancária”, no olhar o aluno enquanto “recipiente” que deve ser preenchido com o “saber do mestre”.

O saber/poder é inerente à atitude do professor, gerando insegurança na relação com o aluno que questiona, critica e propõe soluções; que “ousa” pensar sobre coisas que o professor não havia imaginado para a consecução de propostas.

É difícil ver um professor que se coloca como aprendiz no processo de construção do conhecimento, com a humildade de quem possui sabedoria; aprendiz diante do processo a seguir e das maneiras de abordá-lo, que nunca se repetem e adquirem sempre dimensões novas em cada grupo.

Além disso, as relações autoritárias existentes na escola, que perpassam todos os grupos que a compõem, estão sedimentadas o suficiente para dificultar a participação dos alunos na construção de

projetos curriculares (como se os jovens fossem definir o que seria desenvolvido em cada disciplina).

O desconhecimento, por parte da maioria dos professores, da metodologia de projetos e dos princípios da Reforma do Ensino Médio, também são obstáculos à compreensão do significado do experimento, o que acarretou o retraimento e a resistência de muitos dos educadores.

Isso sem falar na pouca disponibilidade de tempo, pois os professores trabalham em várias escolas e é difícil, após o cumprimento do horário, poder permanecer na escola para a discussão do que quer que seja. A maioria corre de um estabelecimento para outro, sem possibilidade de trocar idéias em reuniões específicas.

Sem conhecer e dimensionar o quanto é importante buscar conceber e desenvolver projetos com os alunos, os docentes permanecerão presos a uma pedagogia tradicional, de transmissão de conteúdos, e a estrutura das relações na escola não sofrerá mudanças.

Mesmo reconhecendo que o novo assusta, até mesmo ameaça, é impossível não reconhecer as mudanças sociais e a necessidade de se posicionar criticamente diante delas, refletindo sobre os valores que estão sendo estimulados pelo ambiente cultural.

Uma educação baseada em valores para a mudança exige aprofundamento do senso crítico, da ética e da construção coletiva. Por isso, é fundamental que os docentes conheçam e percebam o quanto a metodologia de projetos é importante neste processo educativo, pois além de atender ao propósito do desenvolvimento pessoal do aluno, ela gera o desencadeamento do processo de investigação, individual e coletivamente; proporciona o estabelecimento de relações entre os fenômenos pesquisados, mobilizando o questionamento da idéia de uma versão única da realidade; permite a flexibilização de diferentes percursos, abrindo caminhos para novos conhecimentos; desenvolve o saber ouvir e o respeitar as diferenças, o reconhecimento do outro e a compreensão do seu próprio contexto pessoal e cultural; o exercício de superação das dificuldades encontradas ao longo do processo, que irá

desenvolver nos alunos competências que os ajudarão a enfrentar problemas na vida adulta.

Seria excelente que a tendência à organização em grupos, que é constitutiva do modo de ser dos jovens, fosse canalizada em favor do seu desenvolvimento pessoal e social, estimulando-os a agir com meta discutida e definida com e pelo grupo, através de projetos curriculares (com a garantia de tempos escolares específicos para a sua consecução e avaliação).

A implementação da Reforma do Ensino Médio no cotidiano escolar, ao introduzir novas formas de conviver nesta etapa da educação básica, estará contribuindo para que o aluno tenha voz, sendo sensível para compreender as mudanças e os avanços tecnológicos, sabendo utilizá-los com ética e crítica.

Pretende-se educar pessoas intelectualmente autônomas, competentes para fazer escolhas que respeitem as diferenças e superem a segmentação social, e que estabeleçam relações entre o novo e o já aprendido, ampliando a rede de conhecimentos que possuem.

Daí a relação existente entre a Reforma e a metodologia de projetos, que incentiva a autonomia e a construção dos saberes e do conhecimento, que leva ao repensar e recriar a escola.

Os princípios e valores que a Reforma vem trazendo, aliados à metodologia de projetos, exigem a reorganização da gestão escolar, do espaço e do tempo, das relações entre professores e alunos. Enfim, exigem uma redefinição das práticas escolares e uma nova narrativa sobre o saber escolar.

Indicações preliminares para o estabelecimento de uma política de mobilização juvenil.

Considerando a necessidade de superação da fragmentação do conhecimento e de se gerar o desenvolvimento pessoal do aluno enquanto sujeito do seu próprio processo de conhecimento, algumas ponderações

iniciais se fazem necessárias no tocante ao estabelecimento de uma política de mobilização dos alunos de escolas públicas de ensino médio:

- ✓ É essencial que se discuta com os professores o sentido da nova aprendizagem, que se divulguem os princípios e fundamentos do novo Ensino Médio e como se implementa a metodologia de projetos, valorizando-se seus pontos positivos, como o favorecimento da autonomia e da autodisciplina do aluno, além do seu compromisso com a construção coletiva.
- ✓ É fundamental, para a ressignificação da escola enquanto espaço vital de relações vivenciadas na sociedade, que se oportunize a participação dos alunos na construção dos projetos e na realização de ações que estimulem seu protagonismo.
- ✓ É importante que as relações de poder na escola sejam repensadas, promovendo o questionamento, a discussão e novas atitudes dos “sujeitos coletivos” da escola, gerando uma aprendizagem significativa, interessante, ativa e prazerosa.
- ✓ É necessário que os alunos tenham oportunidade de conviver com outro tipo de organização juvenil dentro da escola, além dos grêmios, em sua maioria à mercê de políticas partidárias.

Ao refletirmos sobre a importância da participação e do protagonismo dos alunos na construção do seu conhecimento, estamos apontando a necessidade de ser a escola um espaço de práticas cidadãs, criativas e responsáveis. Que a diretividade necessária ao jovem seja trabalhada na escola de modo a não castrar sua criatividade nem tolher sua iniciativa.

Longe de propagarmos uma visão messiânica do papel dos jovens no processo de mudança social, acreditamos que esta nova vivência

escolar possa fornecer aos alunos subsídios para que eles construam um novo sentido a suas práticas individuais e sociais.